

Brasil depende do acordo do México com bancos credores

MONICA MAGNAVITA

O acordo da dívida externa mexicana com os bancos credores será decisivo para o Brasil. As negociações do País com as instituições privadas vão depender, em grande parte, do desfecho dos entendimentos no México. O relativo impasse nos entendimentos entre o Governo mexicano e os banqueiros privados, na avaliação de Paulo Nogueira Batista Júnior, Chefe do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas, está sendo provocado pela tentativa dos credores de esticar as negociações, à espera de que as agências oficiais e multilaterais aumentem sua participação nesta questão.

Neste jogo de xadrez, o Brasil aguarda para saber como conduzir as negociações daqui para frente e o que pode esperar de um próximo acordo. O fato é que o resultado das negociações do México vai dar o tom do limite que se pode obter dentro das regras do jogo. Mas isso está longe de significar que é o que todos os outros devedores vão conseguir.

Segundo Batista Júnior há três possibilidades à vista para o México. A primeira — possível, mas um tanto remota — prevê um bom acordo com os bancos, incluindo refinanciamento de dois terços dos juros. A se-

Dívida do terceiro mundo

(Em US\$ bilhões)

A dívida dos países latinos aumentou no início da década de 80 devido a alta dos juros.

ANO	TOTAL	% SOBRE CAPITAL
78	62,2	116
79	61,8	124
80	75,5	132
81	92,8	148
82	103,2	146
83	106,8	135
84	107,1	133

FONTE: Estudos Econômicos

gunda é exatamente o oposto: a perspectiva de um péssimo acordo, que conduza a um impasse tão grande a ponto de levar o México a uma moratória. A terceira, e mais provável, é a de um acerto limitado, incapaz de trazer mudanças a outros países.

Desde 1982, o México é o país que, dentro do esquema tradicional de renegociação, tem servido como referência para acordos feitos com outros países. Em 1982, foi o exemplo para as negociações que se segui-

ram. Em 1984, fez o primeiro acordo plurianual da dívida externa, provocando uma série de outros semelhantes nas negociações dos países latinos. E em 1989, vai liderar a experiência de redução da dívida.

Para o Brasil, segundo Batista Júnior, o melhor é que o México faça um excelente acordo. Ele acredita que, diante de resultados assim, o País poderá reivindicar um outro nas mesmas bases do mexicano. Acontece que o México adotou um programa extremamente austero, seguindo à risca o receituário do FMI, e abriu as portas de sua economia para um monitoramento sem proporções. Conclusão: o salário real médio da economia mexicana caiu cerca de 50% entre 1982 e 1988. E no ano passado, havia nada menos do que 50 técnicos do Banco Mundial vasculhando as estatísticas mexicanas.

Já o economista Edmar Bacha acredita que o melhor para o Brasil será justamente o pior para o México. Se os mexicanos entrarem em moratória, as coisas para o País vão melhorar, pois os bancos não vão sustentar uma suspensão de pagamentos de juros quase que generalizada na América Latina, incluindo a Argentina, Peru, Venezuela, México e, possivelmente, o Brasil. Ou seja, se o México deixa de pagar, os credores se empenharão num acerto com o Brasil.

Dívida da América Latina

(em US\$ bilhões)

A dívida dos países latinos tem aumentando durante os últimos anos. Se a crise se acentuar no Continente trará sérios problemas para os bancos credores, já que Argentina e Peru suspenderam os pagamentos de juros. O Brasil também já esteve em moratória, e a crise do endividamento ainda persiste.

PAÍS	TOTAL	CREDORES PRIVADOS (% do total)	SERVIÇO TOTAL	SERVIÇO DE 1988/1990	DÍVIDA/PIB	DÍVIDA/RECEITA
Argentina	59,6	79,4	17,7	11,4	73,9	41,5
Bolívia	5,7	27,3	1,8	0,8	133,7	44,4
Brasil	117,4	76,7	63,4	21,8	39,4	28,3
Colômbia	17,2	48,0	10,3	3,6	50,2	17,0
Chile	20,8	74,3	7,0	5,2	124,1	27,0
Costa Rica	4,8	53,2	2,2	0,7	115,7	17,5
Equador	11,0	63,6	5,5	2,1	107,4	32,7
Jamaica	4,5	17,6	1,6	0,7	175,9	14,2
México	107,4	78,1	43,5	24,0	77,5	28,1
Peru	19,0	61,5	7,4	2,4	40,5	27,2
Uruguai	4,5	77,1	1,8	0,8	58,6	17,7
Venezuela	35,0	99,3	15,6	7,8	94,5	21,9

FONTE: Banco Mundial